

Galeria Fortes Vilaça

Rua Fradique Coutinho 1500 | 05416-001 São Paulo Brasil

T +55 11 3032 7066 | F +55 11 3097 0384

www.fortesvilaca.com.br | galeria@fortesvilaca.com.br

[Scroll down to read in English]

Jac Leirner

Hardware Seda – Hardware Silk

Não se trata de insistir na pergunta sobre o que pode ser arte, com materiais recolhidos fora do âmbito da estética. Mas trata-se de interrogar sobre o que a arte pode ser, enquanto instância autônoma em relacionamento com os diversos limites sociais. O trabalho incorpora os objetos que acumula tais como são, em suas propriedades físicas, corriqueiros, designados a uma finalidade específica, para oferecer a eles a chance de uma condição diferente, na participação de um pensamento plástico. A reunião e ordenação, agora, dessas dezenas de itens, dessas centenas de unidades (de procedências várias, no tempo e no espaço, e de redes de circulação de mercadorias também várias) conformam estruturas que se aproximam do repertório moderno da escultura, da pintura, do desenho. Ao mesmo tempo em que enfeixam, nas suas fileiras, índices de um complexo de atividades, tanto produtivas, pelo que as ferragens dão a imaginar, como improdutivas, pelo que sugerem, por exemplo, as sedas de cigarro e os cartões postais.

De cara, chama a atenção a linearidade dessas peças, a apresentação clara e direta de seus elementos e estruturas – na maioria das vezes, uma coisa só, elementos e estrutura. Definitivamente, não há núcleos, não há subterfúgios, apenas articulações e justaposições, todas explícitas, em plena exterioridade. Os gestos, as ações, por sua parte, se reduzem a um mínimo suficiente para o máximo deleite da confecção manual repetitiva, de atravessar o que tem furo por cabos, de passar os cabos por tubos, de conectar isso àquilo, de alinhar os congêneres, um a um, em sequência... O que torna redundante falar das pequenas coleções (que seja, de roscas de porca!) para dimensionar os níveis de compulsão e obsessão implicados no trabalho. Por isso, também, fica a impressão de que, mal são integrados à produção, os materiais já parecem excedentes. Não porque “sobrem”, ou coisa que o valha. Mas por serem a causa e o efeito de um prazeroso dispêndio de energia. No fim das contas, o resultado é preciso, enxuto, seco.

Rigorosamente comuns e discretamente exigentes, as peças dessa exposição fazem pensar que trivialidade e preciosidade se equivalem. Ao menos quando a admiração de objetos banais redundante, como aqui, numa admiração com esses mesmos objetos. Uma das características da obra é desfazer hierarquias e inverter valores. Sem temer a concomitância de ortogonalidade e ornamento, de simetria e incongruência, de apuro formal e crueza, sem medo de conjugar a impessoalidade das soluções com a entrega de referências individuais. Para ir mais longe, a sua conquista de austeridade e elegância se deve, em parte, a descidas ao que se costuma identificar pejorativamente como baixo, grosseiro, imediato. E nem poderia ser diferente: ambíguo, o trabalho situa-se nos extremos. Tensiona a sua linguagem até onde possa perturbar a ordem das categorias, dos registros, dos gostos, até onde possa incessantemente produzir e desmanchar sentidos. Apenas com formas e cores tão ordinárias quanto excepcionais, que, desapropriadas, já não são de qualquer um, são de todos.

José Augusto Ribeiro
São Paulo, Setembro de 2012

Jac Leirner
Hardware Seda – Hardware Silk

The aim is not to dwell on the question of what can be art, with materials gathered from outside the realm of aesthetics. Rather, it concerns the question of what art can be, as an autonomous instance in relation with the various social limits. The work incorporates the objects that are accumulated just as they are, in their everyday physical properties, designated toward a specific end, offering them the chance to take on a different condition, in the participation of an artistic thought. The gathering and ordering, now, of these dozens of items, of these hundreds of units (from various origins, in time and in space, and from likewise diverse networks for the circulation of merchandise) compose structures that approximate the modern repertoire of sculpture, painting and drawing. At the same time, in their rows they bundle indexes of a complex of activities, ranging from productive ones, as indicated by the hardware, and nonproductive ones, as suggested by the cigarette papers, photographs, etc.

At first glance, these pieces are striking for the linearity of the set, the clear and direct presentation of their elements and structures – in most cases, the elements and structure composing a single whole. There is definitively no subterfuge, there are no nuclei, only articulations and juxtapositions, all explicit, in pure exteriority. The gestures, the actions, for their part, are reduced sufficiently to a minimum to allow for the maximum delight of their repetitive manual production, of passing cables through holes in things, passing them through tubes, connecting this with that, aligning similar elements, one after another, in sequence... This makes it redundant to speak of the small collections (that is, of hardware nuts) to dimension the levels of compulsion and obsession implied in the work. For this reason, also, there is also the impression that as soon as they are integrated to the production, the materials already appear excessive. Not because they are “left over,” or anything like that. But because they are the cause and effect of a pleasurable expenditure of energy. In the end, the result is precise, succinct, dry.

Rigorously common and discreetly demanding, the pieces featured in this show make us think that triviality and preciousness are equivalent. At least when the admiration of everyday objects results – as it does here – in an admiration for these same objects. One of the characteristics of the work is to take apart hierarchies and invert values. Without fearing the concomitance of orthogonality and ornament, of symmetry and incongruence, of formal refinement and crudeness, without fear of conjugating the impersonality of the solutions with the delivery of individual references. Moreover, the achievement of austerity and elegance is partly owing to descents into what is usually identified pejoratively as low, crude, immediate. Nor could it be otherwise: ambiguous, the work is situated at the extremes. Its language is tensioned to the point where it can upset the order of the categories, of registers, of tastes, where it can ceaselessly produce and break apart meanings. Only with shapes and colors that are as extraordinary as they are exceptional, which, expropriated, no longer belong to anyone, but to everyone.

José Augusto Ribeiro
São Paulo, September 2012